

As glides do guineense:
proposta de interpretação fonológica
*The glides of Guinea-Bissau Creole:
proposal of a phonological interpretation*

Sandra Marisa Costa Chapouto
Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
smarisacc@gmail.com

Abstract: The existence of [j] and [w] in the phonetic structure of Guinea-Bissau creole is consensual. However, the phonological status of these segments is not clear. There are few proposals for the phonological interpretation of these units (Andrade, E., Gomes, A., and Teixeira, I. 1992; 2001). Thus, we present a description of the behaviour of glides and intend to contribute to the clarification of the phonological status of these segments. Taking into account the linguistic studies already mentioned and analyzing phonetic data, we formulate hypotheses to ascertain whether the surface realizations correspond to phonological units or can be obtained through phonological processes. In addition, we present a proposal for a phonological interpretation of these units. The description proposed in this work follows the Autossegmental Theory model: the description of segments and phonological processes is represented according to the Feature Geometry model (Ewen and van der Hulst 2001; Mateus e Andrade 2000). The data analysis led to interpret phonetic glides (i) as consonant segments when they occur at the beginning of the word and in intervocalic position, (ii) as phonetic realizations of an underlying vowel in contexts in which they are in pre-vocalic position preceded by consonant segment(s) and (iii) as glides whenever they occur in post-vocalic position.

Keywords: Glides; phonological processes; Guinea-Bissau Creole.

Resumo: A existência de [j] e de [w] na estrutura fonética do guineense é consensual; no entanto, o estatuto fonológico destes segmentos não é claro, havendo apenas algumas propostas de interpretação fonológica destas unidades (Andrade, E., Gomes, A., e Teixeira, I. 1992; Couto 1994; Kihm 1994; Mane 2001). Assim, pretende-se, com este estudo, apresentar uma descrição do comportamento das glides do guineense e contribuir para o esclarecimento do estatuto fonológico destes segmentos. Tendo em consideração os estudos linguísticos já referidos e com base na análise dos dados da estrutura fonética, formular-se-ão hipóteses no sentido de averiguar se as realizações da estrutura de superfície correspondem a unidades fonológicas ou se podem ser obtidas por meio de processos fonológicos e apresentar-se-á uma proposta de interpretação fonológica destas unidades. A descrição proposta neste trabalho é apresentada de acordo com o modelo da Teoria Autossegmental: a descrição dos segmentos e dos processos fonológicos é representada segundo o modelo da Geometria de Traços (Ewen e van der Hulst 2001; Mateus e Andrade 2000). A análise dos dados levou à interpretação das glides fonéticas (i) como segmentos consonânticos quando ocorrem em início de palavra e em posição intervocálica, (ii) como realizações fonéticas de um segmento vocálico subjacente nos contextos em que se encontram em posição pré-vocálica antecedida de segmento(s) consonântico(s) e (iii) como glides sempre que ocorrem em posição pós-vocálica.

Palavras-chave: Glides; processos fonológicos; guineense.

1 Introdução

Com este trabalho, pretende-se descrever o comportamento das glides do guineense e apresentar uma proposta de interpretação fonológica destes segmentos. Partindo da observação de um *corpus* que exemplifica a ocorrência das glides nos diversos contextos, serão descritos os segmentos da estrutura fonética e serão formuladas hipóteses no sentido de definir o estatuto fonológico destes segmentos; tendo também em consideração as análises apresentadas pelos investigadores que trataram esta questão, expor-se-á uma proposta de interpretação fonológica das glides e apresentar-se-á a configuração da estrutura interna destes segmentos de acordo com o modelo da Teoria Autossegmental e da Geometria de Traços (de acordo com os modelos propostos por Mateus e Andrade (2000) e Clements e Keyser (1983)).

Os dados que serviram de base a este estudo foram retirados de Chapouto (2014). Todos os exemplos apresentados nesta análise estão acompanhados pela representação gráfica da palavra que, dada a inexistência de instrumentos de normatização da língua, está de acordo com a proposta de Scantamburlo (1999).

2 Análise fonética

Nos dados fonéticos, observou-se a ocorrência de [j] e de [w] em posição pré e pós-vocálica. Apresentam-se exemplos de ocorrência destas realizações fonéticas de acordo com a posição da glide relativamente ao segmento vocálico e de acordo com a posição da sílaba em que os segmentos ocorrem na palavra: glides pré-vocálicas em sílaba inicial (1a) e (1a'); glides pré-vocálicas antecedidas de consoante, em sílaba inicial (1b), glides pré-vocálicas antecedidas de consoante, em sílaba interior (1b'); glides intervocálicas (1c); glides pós-vocálicas, em sílaba inicial (1d) e glides pós-vocálicas em posição final (1d').

- (1) (a) i. iasa ['jasa] *assar*
ii. ieba ['jɛba] *força*
iii. iuli ['juli] *embrenhar-se*
iv. iogoli [jɔgɔ'li] *flor seca de roseta*
- (a') i. uaga ['waga] *derramar*
ii. uenkelen ['wɛkɛlɛŋ] *pé torto*
iii. uit [wit] GRAU SUPERLATIVO
iv. uondjo [wɔn'dʒo] *estar largo*
- (b) i. kuas ['kwas] *quase*
ii. kria ['krja] *criar*
iii. puera ['pwera] *poeira*
iv. kuantia [kwã'tia] *quantia*
v. fiansa ['fjãnsa] *garantia*
- (b') i. ronia [ro'nja] *cerimónia religiosa*
ii. regua ['regwa] *regua*
- (c) i. saia ['saja] *saia*
ii. maiu ['maju] *maio*
iii. kaiambra [ka'jãmbra] *ter câibras*
- (d) i. aula ['awla] *aula*
ii. oito ['ojtu] *oito*
iii. bairu ['bajru] *bairro*

- (d') i. bai ['baj] *ir*
 ii. mau ['maw] *mau*
 iii. rei ['rɛj] *rei*

Observando o *corpus*, verificamos que [j] e [w] ocorrem em posição pré-vocálica, intervocálica e pós-vocálica, mas nunca surgem como único segmento entre duas consoantes.

Em posição pré-vocálica, as glides podem ocorrer em sílaba inicial ou interior de palavra e, nestes contextos, estes segmentos podem ser antecidos de consoante. Nos exemplos de (1a) e (1a'), que mostram algumas das possíveis combinações de glide e vogal em início de palavra, verificamos que [j] e [w] podem combinar-se com segmentos vocálicos [-nasal], como ['jasa], e com segmentos vocálicos [+nasal], como [wõndzó]. Considerando os exemplos de (1b) e (1b'), que apresentam as realizações fonéticas da sequência de glide e vogal antecida de segmento(s) consonântico(s), em início e interior de palavra, observamos que esta sequência pode ser antecida de uma consoante, como em ['kwas] e ['regwa], ou de grupo consonântico, como em ['krja]. É em posição pré-vocálica e em início de palavra que ocorre o maior número de combinações possíveis de glide e vogal.

Observando os exemplos de (1c), verificamos que, em posição intervocálica, ocorre apenas [j]. O segmento vocálico adjacente à esquerda é sempre [-nasal], como em [sája], e o segmento vocálico adjacente à direita pode ser [-nasal], como em ['maju], ou [+nasal], como em [ka'jãmbra].

Nos exemplos de (1d) e (1d'), que apresentam as realizações fonéticas da sequência de vogal e glide em posição interior e em posição final, observamos que [j] e [w] podem combinar-se com todos os segmentos vocálicos [-nasal], excetuando, no caso de [w], os segmentos [ɔ] e [u] e, no caso de [j], o segmento [i]. Não é, portanto, possível encontrar sequências como *[ɔw], *[uw] e *[ij] nestes contextos.

Da observação dos exemplos apresentados, verificamos ainda que os segmentos [j] e [w] não comportam o traço [nasal] e ocorrem como segmento adjacente de vogal [+nasal] apenas em posição pré-vocálica.

3 Análise fonológica

Para a interpretação fonológica das glides, apresentam-se exemplos de ocorrência destes segmentos organizados de acordo com a posição que as glides ocupam dentro da palavra e dentro da sílaba: os exemplos de (2a) e (2a') evidenciam a oposição entre [j] e [w]; os exemplos de (2b) mostram a ocorrência destas realizações em posição de início de palavra e, em (2b') e (2b''), são apresentados exemplos de ocorrência de glide e de segmentos consonânticos no mesmo contexto; em (2c) apresentam-se exemplos

de ocorrência de glides pré-vocálicas antecedidas de segmento(s) consonântico(s); os exemplos de (2d) mostram-nos que as glides podem comutar, em sílaba inicial, com segmento consonântico (2d) e com segmento vocálico (2d') e, em sílaba medial, com segmento consonântico (2d'') e (2d'''); os exemplos de (2e) e (2e') mostram a ocorrência de glides e de segmentos consonânticos em posição intervocálica; os exemplos de (2f) ilustram a ocorrência de glides pós-vocálicas em interior de palavra e os de (2f'), (2f'') e (2f''') evidenciam as possibilidades de comutação das glides pós-vocálicas; os exemplos de (2g) ilustram a ocorrência de glides pós-vocálicas seguidas de consoante.

- (2) (a) i. bai ['baj] (*ir*)
ii. kai ['kaj] (*cair*)
iii. tcai ['tʃaj] (*adultério*)
- (a') i. bau ['baw] (*calça boca de sino*)
ii. kau ['kaw] (*lugar*)
iii. tcau ['tʃaw] (*adeus*)
- (b) i. iermon [jɛr'mõŋ] (*irmão*)
ii. entra ['jẽntɾa] (*entrar*)
iii. iagu ['jagu] (*água*)
- (b') i. uaga ['waga] (*derramar*)
ii. uarga [wárga] (*tipo de bebida*)
iii. iasa ['jasa] (*assar*)
iv. ieba ['jɛba] (*força*)
- (b'') i. paga ['paga] (*pagar*)
ii. djarga ['dʒarga] (*proteção*)
iii. pasa ['pasa] (*passar*)
iv. leba ['lɛba] (*guiar*)
- (c) i. kuantia [kwãntia] (*quantia*)
ii. fiansa ['fjãnsa] (*garantia*)
iii. kriadu ['krjadu] (*criado*)
- (d) i. kuas ['kwas] (*quase*)
ii. klas ['klas] (*classe*)

- (d') i. kria ['kria] (*cria*)
 ii. kria ['kɾja] (*criar*)
- (d'') i. ronia [ro'nja] (*cerimónia religiosa*)
 ii. regua ['ɾɛgwa] (*régua*)
- (d''') i. ronka [rõn'ka] (*vangloriar-se*)
 ii. regra ['ɾɛgra] (*regra*)
- (e) i. saia ['saja] (*saia*)
 ii. maiu ['maju] (*maio*)
 iii. kaia ['kaja] (*caiar*)
- (e') i. sala ['sala] (*sala*)
 ii. matu ['matu] (*mato*)
 iii. kala ['kala] (*calar*)
- (f) i. oito ['ojtu] (*oito*)
 ii. aula ['awla] (*aula*)
- (f') i. bai ['baj] (*ir*)
 ii. mau ['maw] (*mau*)
 iii. seu ['sɛw] (*céu*)
 iv. rei ['ɾɛj] (*rei*)
- (f'') i. bal ['bal] (*vale*)
 ii. mar ['mar] (*mar*)
 iii. sen ['sɛŋ] (*cem*)
 iv. rek ['ɾɛk] (*justeza*)
- (f''') i. ba ['ba] (*v. aux.*)
 ii. ma ['ma] (*mais*)
 iii. se ['sɛ] (*seu/sua*)
 iv. re ['ɾɛ] (*ré*)
- (g) i. seis ['sɛjs] (*seis*)
 ii. deus ['dɛws] (*Deus*)

Os exemplos de (2a) e (2a') mostram-nos que os segmentos [j] e [w] comutam no mesmo contexto e a comutação de um segmento pelo outro permite-nos distinguir palavras com significados diferentes. No entanto, só é possível comutar e opor glides pós-vocálicas em fim de palavra. Nos restantes contextos e em posição pré-vocálica, as glides comutam apenas com segmentos consonânticos (exemplos de 2b' e 2b'', 2d, 2d'' e 2d''', 2e e 2e', 2f' e 2f'') e com a ausência de segmento (exemplos de 2f''').

Os exemplo de (2b' e 2b'', 2d, 2d'' e 2d''', 2e e 2e', 2f' e 2f'') mostram-nos que é possível comutar as glides com segmentos consonânticos em posição pré-vocálica em início de palavra ([ˈwaga]/[ˈpaga]), em posição pré-vocálica antecedida de consoante ([ˈkwas]/[ˈklas]), em posição intervocálica ([ˈsaja]/[ˈsala]), e em posição pós-vocálica ([ˈbaj]/[ˈbal]). Neste último contexto, é ainda possível contrastar sequências de vogal e glide com vogal ([ˈmaw]/[ˈma], [ˈrɛj]/[ˈrɛ]). No entanto, não é possível comutar glides com segmentos vocálicos. Observando os exemplos [ˈkrja] e [ˈkria], contemplados em (2d'), verificamos que o contraste entre glide e vogal está dependente da incidência do acento. Na primeira palavra, a glide [j] ocorre como segmento adjacente da vogal [a], que é acentuada. Na segunda palavra, [i] é o segmento nuclear da sílaba tónica, sendo [a] átono.

Os exemplos de (2g) mostram-nos que, após uma sequência de vogal e glide, podemos encontrar uma consoante homossilábica ([ˈsɛjs] e [ˈdɛws]).

Observando os exemplos apresentados em (2), verificamos ainda que as glides ocorrem sempre como segmentos adjacentes de uma vogal e, portanto, nunca surgem como único segmento entre consoantes. Assim, estes segmentos não ocupam uma posição nuclear na sílaba, nem recebem o acento.

A existência de [j] e de [w] na estrutura fonética é consensual; no entanto, o estatuto fonológico destes segmentos não é claro, havendo apenas algumas propostas de interpretação fonológica destas unidades. Couto (1994) considera que as glides pré-vocálicas são consoantes e que as pós-vocálicas correspondem a vogais assilábicas. Porém, não menciona os argumentos que motivaram esta interpretação. Kihm (1994: 15-17) refere que não é clara a existência de ditongos no crioulo, argumentando que as glides pós-vocálicas em posição final têm um comportamento semelhante ao das consoantes e, neste contexto, a glide final parece preencher a Coda da sílaba. Este investigador acrescenta que, para manter o padrão silábico CV, em algumas palavras de origem portuguesa que, na língua portuguesa, começam por vogal, houve a prótese de uma glide ([ˈjabri]). Scantamburlo (1999) refere apenas que as glides pré-vocálicas parecem ter um comportamento mais parecido com o das consoantes do que com o das vogais, mas não apresenta argumentos. Andrade *et al.* (1992) e Mane (2001) apresentam as glides no sistema consonântico, mas não debatem a questão, nem apresentam argumentos.

Tendo presentes as propostas de interpretação destes autores e o *corpus* apresentado, tentar-se-á estabelecer os segmentos que estão subjacentes às realizações fonéticas [j] e [w].

Observando os exemplos de (2b') e (2b''), verificamos que as glides pré-vocálicas em início de palavra comutam com segmentos consonânticos ([ˈwaga]/[ˈpaga], [ˈjasa]/[ˈpasa]). Se considerarmos a hipótese de interpretar estes segmentos como consonânticos, obtemos sílabas com o padrão silábico ótimo, CV, sendo o Ataque da sílaba inicial da palavra preenchido pela glide pré-vocálica ([ˈwa.ga], [ˈja.sa]). Se considerarmos as glides como realizações fonéticas de um segmento vocálico subjacente, podemos formular duas hipóteses de interpretação:

- (i) a glide fonética corresponde a uma vogal assilábica em estrutura profunda;
- (ii) a glide é a realização fonética de uma vogal subjacente.

Considerando a primeira hipótese, a glide da estrutura fonética corresponderia a uma vogal marcada como [-silábico] em estrutura de base e seria associada ao Núcleo com o segmento vocálico adjacente à direita, formando um ditongo crescente. Obteríamos, então, uma sílaba com um Núcleo ramificado, encontrando-se a vogal assilábica à esquerda da vogal silábica. Porém, exemplos como [ˈjẽntra], mostram-nos que o traço nasal do segmento [n] se propaga à vogal adjacente à esquerda, mas [j] não recebe essa propriedade. Se este segmento integrasse o Núcleo silábico, estaria sujeito ao processo de expansão de nasalidade, tal como a vogal adjacente à direita. Este facto invalida a hipótese de a glide corresponder a uma vogal assilábica que integra o mesmo Núcleo da vogal silábica.

Considerando a segunda hipótese de interpretação, em estrutura profunda, teríamos uma sequência de duas vogais e, portanto, duas sílabas V.V. No entanto, no guineense, são raras as palavras que começam por um segmento vocálico e não ocorrem hiatos neste contexto. Assim, propor que, em exemplos como os de (2b), a sequência inicial seja interpretada como V.V seria estranho à estrutura fonológica da língua. Além disso, a prótese de uma glide em palavras que, na língua de superstrato, começam por vogal ([jɛrˈmõŋ], [ˈjẽntra], [ˈjagu]) parece ter sido motivada pela estrutura silábica ótima da língua, o padrão CV, sendo o Ataque da sílaba preenchido pela glide.

Pelo exposto, propõe-se que os segmentos [j] e [w], em posição de início de palavra, sejam interpretados como segmentos consonânticos.

Esta proposta de interpretação vai ao encontro das análises apresentadas por Couto (1994) e por Kihm (1994), que também consideram que as glides pré-vocálicas em início de palavra assumem um comportamento consonântico.

As glides pré-vocálicas antecedidas de consoante também comutam com consoantes ([*'kwas*]/[*'klas*], [*ro'nja*]/[*rõn'ka*], [*'rɛgwa*]/[*'rɛgra*]). Se, neste contexto, considerarmos a hipótese de interpretar as glides como segmentos consonânticos, obtemos sílabas com Ataque ramificado. Este constituinte silábico seria então preenchido por uma consoante e uma glide e obteríamos uma sílaba com uma estrutura CCV(C). No entanto, em posição de sílaba interior, os exemplos *ronia* e *ronka* apresentam estruturas silábicas diferentes: [*ro.nja*]/[*rõn.'ka*]¹, pelo que a glide e o segmento consonântico não ocorrem no mesmo contexto. Além disso, em exemplos como [*'krjadu*], a sílaba inicial apresentaria um Ataque preenchido por três segmentos, CCG, o que viola o Princípio de Binaridade Máxima dos Constituintes. Se considerarmos que à glide fonética está subjacente um segmento vocálico, podemos colocar a hipótese de, no nível fonológico, existir uma vogal assilábica ou uma vogal silábica. Porém, as formas [*'krja*] e [*'kria*] mostram-nos que a realização fonética [j] alterna com [i] em função da incidência do acento tônico. No primeiro exemplo, [a] é a vogal acentuada e o segmento adjacente à esquerda realiza-se foneticamente como [j] e, no segundo, [i] comporta o acento tônico. Além disso, observando os exemplos [*kwãn'tia*] e [*'fjãnsa*], verificamos que, também neste contexto, a glide não é afetada pelo processo fonológico de expansão do traço nasal, o que exclui a hipótese de, em estrutura profunda, existir uma sequência de vogal assilábica e vogal silábica como elementos do Núcleo da mesma sílaba.

As considerações expostas levam-nos a propor que as glides da estrutura de superfície, em posição de sílaba inicial antecedida de segmento(s) consonântico(s), sejam interpretadas como realizações fonéticas de segmentos vocálicos em estrutura de base. Podemos, então, obter estas realizações fonéticas através do processo fonológico de alteração do valor do traço [silábico] que afeta os segmentos vocálicos [+alto] quando são adjacentes à esquerda de outro segmento vocálico. Assim, sempre que, em estrutura de base, encontramos uma sequência heterossilábica de dois

¹A divisão silábica de *ronka* está de acordo com a interpretação proposta de Chapouto (2014).

segmentos vocálicos adjacentes e o primeiro segmento da sequência é átono e [+alto], sendo o segundo acentuado, esse segmento torna-se [-silábico] e realiza-se no nível de superfície como uma glide, conforme ilustra a figura 1.

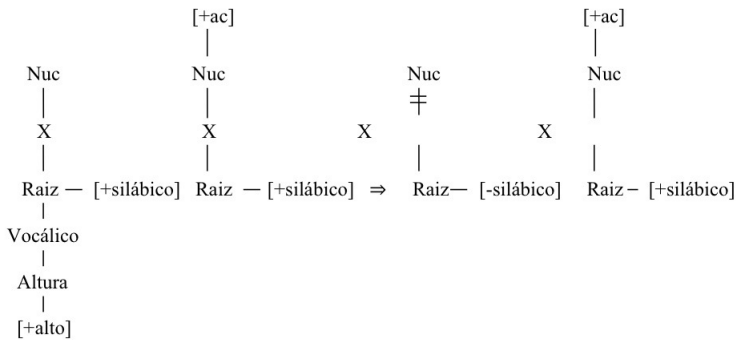


Fig. 1: Representação da alteração do valor do traço [silábico].

Relativamente à posição pós-vocálica em contexto de fim de palavra, verificamos que as glides contrastam com consoantes ([ˈbaj]/[ˈbal], [ˈmaw]/[ˈmar], [ˈsɛw]/[ˈsɛŋ], [ˈrɛj]/[ˈrɛk]) e com a ausência de segmento ([ˈbaj]/[ˈba], [ˈmaw]/[ˈma], [ˈsɛw]/[ˈsɛ], [ˈrɛj]/[ˈrɛ]). Se interpretarmos [j] e [w] como segmentos consonânticos, obtemos sílabas com a Coda preenchida pela glide. No entanto, atendendo a que depois da sequência de vogal e glide é possível ocorrer uma consoante, como mostram os exemplos [ˈsɛjs] e [ˈdɛws], se considerarmos que a glide é um segmento consonântico, obtemos uma sílaba com a estrutura CVCC, sendo a Coda ramificada. Porém, esta estrutura silábica é raríssima nesta língua e encontra-se apenas num reduzido número de neologismos, sendo universalmente um formato marcado para este constituinte. Colocando a hipótese de as glides corresponderem a realizações fonéticas de um segmento de natureza vocálica subjacente, podemos interpretá-las como segmentos [-silábico] e [-consonântico] em estrutura profunda, que se associam ao Núcleo com a vogal que os antecede. Assim, obtemos sílabas com Núcleo ramificado, preenchido por uma vogal e uma glide. Com esta hipótese, exemplos como [ˈbaj] teriam uma estrutura silábica CVG e exemplos como [ˈsɛjs]

teriam uma estrutura silábica CVGC, sendo o Núcleo ramificado nos dois casos e sendo a Coda não preenchida no primeiro caso e preenchida por um segmento consonântico no segundo. A interpretação de [j] e [w] pós-vocálicos como vogais assilábicas e que constituem Núcleo silábico com a vogal precedente parece ser mais adequada do que a interpretação destes segmentos como consoantes, pelo facto de, após a glide, ser possível ocorrer um segmento consonântico e esta estrutura silábica ser extremamente invulgar nesta língua.

Esta proposta de interpretação vai ao encontro da análise apresentada por Couto (1994), que também considera os segmentos [j] e [w] pós-vocálicos como vogais assilábicas, mas distancia-se da interpretação de Kihm (1994), que considera que as glides pós-vocálicas se comportam como segmentos consonânticos.

Relativamente à posição intervocálica, nela encontramos apenas [j], como mostram os exemplos ['saja], ['maju], ['kaja] e também neste contexto é possível comutar a glide com segmentos consonânticos (['saja]/['sala], ['maju]/['matu], ['kaja]/['kala]). Observando os exemplos em que a consoante ocorre em contexto intervocálico, percebemos que este segmento preenche o Ataque de uma sílaba (['sa.la], ['ma.tu], ['ka.la]). Porém, nos exemplos que ilustram a ocorrência da glide intervocálica, a segmentação das sílabas não é tão clara: podemos colocar a hipótese de este segmento se associar a um constituinte da sílaba anterior ou a um constituinte da sílaba seguinte. Colocando a hipótese de o segmento pertencer à segunda sílaba (['sa.ja], ['ma.ju], ['ka.ja]), tratar-se-ia de um segmento consonântico que preenche o Ataque da sílaba. Se considerarmos que se trata de uma glide pós-vocálica (['saj.a], ['maj.u], ['kaj.a]), este segmento seria interpretado como uma vogal assilábica que preenche com a vogal silábica adjacente à esquerda um Núcleo ramificado.

Nenhum dos investigadores que trataram questões fonológicas do guineense apresentou uma proposta de interpretação fonológica destes segmentos em posição

intervocálica. No entanto, Kihm (1994: 15) refere que os hiatos em posição de interior de palavra são resolvidos através da epêntese de uma glide ([diya]²).

No cabo-verdiano, as glides intervocálicas são interpretadas por Ferraz (1979) como segmentos consonânticos que preenchem o Ataque da sílaba a cujo Núcleo se associa a vogal adjacente à direita e, segundo a proposta de Mane (2007), o mesmo se verifica no são-tomense.

Atendendo a que a estrutura silábica ótima do guineense é CV e considerando a proposta de Kihm (1994) para a resolução de hiatos, embora no *corpus* analisado neste trabalho não tenha ocorrido a epêntese de uma glide em hiatos, propõe-se que, em posição intervocálica, as glides sejam interpretadas como segmentos consonânticos. Assim, neste contexto, a glide associa-se ao Ataque da sílaba cujo Núcleo é preenchido pelo segmento vocálico adjacente à direita. Esta proposta de interpretação possibilita uma descrição mais económica e de acordo com a estrutura fonológica do guineense, pois permite manter a estrutura silábica ótima desta língua.

Em suma, pelas razões expostas, sugere-se que as glides sejam interpretadas como segmentos consonânticos quando ocorrem em início de palavra e em posição intervocálica, como realizações fonéticas de um segmento vocálico subjacente nos contextos em que se encontram em posição pré-vocálica antecedida de segmento(s) consonântico(s) e como glides sempre que ocorrem em posição pós-vocálica.

4 Matriz fonológica

Apesar de se considerar a existência de glides [-consonântico] e de glides [+consonântico], esta propriedade não é apresentada na matriz, uma vez que o valor deste traço é determinado pela posição que a glide ocupa na estrutura silábica: este segmento adquire a especificação [+consonântico], quando se associa ao Ataque, e [-consonântico], quando se associa ao Núcleo. Assim, apresenta-se apenas uma matriz com os segmentos /j/ e /w/, subespecificados quanto ao traço [consonântico].

²Foram mantidos os símbolos fonéticos usados pelo autor (Kihm 1994: 15).

Segmentos	j	w
[silábico]	-	-
[DORSAL]	•	•
[recuado]	-	+

Quadro 1: Matriz das glides.

Apresenta-se também a representação da estrutura interna de uma glide, como segmento vocálico assilábico, na figura 2, e como segmento consonântico, no figura 3, segundo o modelo da Geometria de Traços e sem indicação dos traços redundantes:

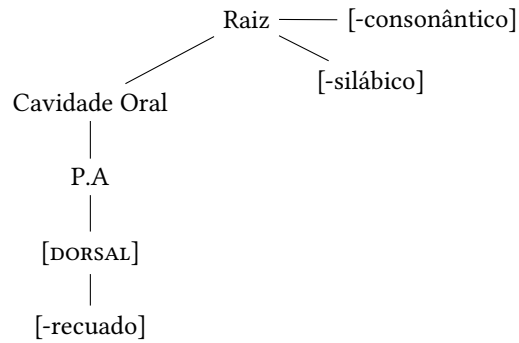


Fig. 2: Representação da estrutura interna de /j/ [-cons]

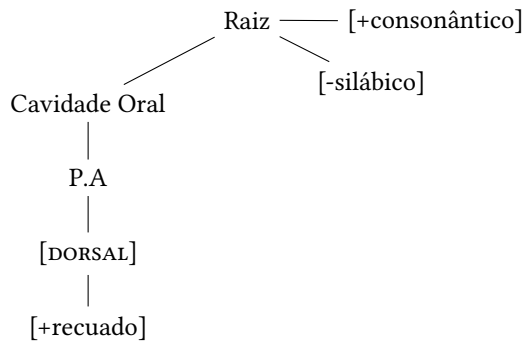


Fig. 3: Representação da estrutura interna de /w/ [+cons]

5 Considerações finais

A análise dos dados fonéticos permitiu-nos observar que as glides (i) apresentam um comportamento consonântico em posição pré-vocálica em início de palavra e em posição intervocálica (nesta posição, ocorre apenas o segmento /j/); (ii) correspondem a vogais assilábicas de base ([-consonântico], [-silábico]) em posição pós-vocálica; e (iii) são realizações de superfície de um segmento vocálico [+alto] em estrutura de base, pela atuação do processo de alteração do valor do traço [silábico], que ocorre quando um segmento vocálico [+alto] átono está seguido de outro segmento vocálico, heterossilábico.

Referências

- Andrade, E., Gomes, A., & Teixeira, I. (1992). Observações sobre o Sistema Acentual do Crioulo da Guiné-Bissau (CGB). In E. d' Andrade, & A. Kihm (Orgs.), *Actas do Colóquio sobre Crioulos de base lexical portuguesa* (135-140). Lisboa: Edições Colibri.
- Chapouto, S. M. 2014. Contributo para a descrição de aspetos fonológicos e prosódicos do guineense. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra.
- Clements, G. N., & Keyser S. J. (1983). From CV Phonology: A Generative Theory of the Syllable. In J. A. Goldsmith (Ed.), *Phonological Theory: the essential readings*, 185-200. Massachusetts: Blackwell Publishers.
- Couto, H. H. do. 1994. *O Crioulo Português da Guiné-Bissau*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- Ewen, C. J., & Hulst, H. van der. (2001). *The Phonological Structure of Words: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ferraz, L. I. (1979). *The Creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- Kihm, A. 1994. *Kriyol Syntax: the Portuguese-based creole language of Guinea Bissau*. Amsterdam: Benjamins.
- Mane, D. 2001. Estudo comparativo entre a fonologia do crioulo guineense, a do manjaco, a do mancanha e a do Pepel. *Papia*, 11: 105-109.
- Mane, D. (2007). Os crioulos portugueses do golfo da Guiné: Quatro línguas diferentes ou dialetos de uma mesma língua? Dissertação de doutoramento, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em <http://repositorio.unb.br/handle/10482/3078>, acessado em 2 de outubro de 2012.
- Mateus, M. H. M., & Andrade, E. d'. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.

Scantamburlo, L. 1999. *Dicionário do Guineense: Introdução e Notas Gramaticais (vol. 1)*. Lisboa: Edições Colibri / FASPEBI.

Scantamburlo, L. 2002. *Dicionário do Guineense: Dicionário guineense-português / Dicionariu guinensi-purtuguis (vol. 2)*. Bissau: Edições FASPEBI.

Recebido: 06/06/2018

Aprovado: 25/09/2018
